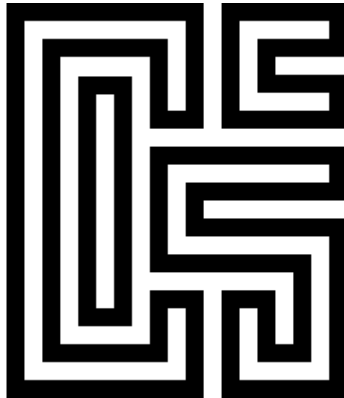


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA



imageme**violência**

VIOLÊNCIA E HISTÓRIA

Eduardo Peñuela Cañizal

Ao final de contas, se acreditamos numa idéia de ciência que se afasta do positivismo, o pensamento do homem civilizado tem prerrogativas idênticas às do homem selvagem: também vive perdido num interminável sertão de imagens. Daí que o imaginário gravite em torno das nebulosas da linguagem e se nutra dessa imponente massa de afetividade em que

"necessidades, desejos, temores, paixões, agem como lentes deformadoras na nossa apreciação dos fenômenos e acontecimentos, marcando-os freqüentemente pela irracionalidade e a fantasia que são a condição sine qua non da constituição do elemento mitopoético" (Diegues, 1998:35).

Enquanto parte de um inesgotável processo de similitudes, o cotejo de coisas e elementos sem nenhuma ligação causal possibilita, portanto, a formação de conteúdos polissêmicos capazes de liberar os símbolos das artimanhas pantomímicas¹ de que, amiúde, os fiéis seguidores das ideologias dominantes se servem para submeter os signos à escravidão do hábito, como sói acontecer na preparação dos festejos comemorativos previamente anunciados. Distantes, porém, dessas prosápias, a sincronização de coincidências e harmonização de contradições conquistam, em termos semióticos, o direito de instituir, nos amplos espaços da linguagem, lugares em que a significação germina ao amparo desse outro lado do tempo cujas pulsações, para utilizar um termo de Gruzinski (1999:11), não são as de nosso calendário, nem estão sujeitas à obrigação de ritmar o curso da história universal.

¹ No ensaio Sobre os espelhos, Umberto Eco descreve o que seria uma mise-en-scène procatóptrica utilizando o exemplo de um sujeito que, munido de um espelho colocado obliquamente em relação aos raios que emanam de seu corpo, observa, convencido de que não é visto, sobre a superfície polida desse espelho, uma cena representada no quarto ao lado por outros sujeitos convencidos, também, e por isso eles simulam, de que tal observador pensa ser real a cena que vê. (Eco, 1989:29). Creio que a pantomima das histórias oficiais é, no fundo, uma perversa mise-en-scène procatóptrica.

Com base nalgumas particularidades da entrançadura desses pressupostos, este trabalho² terá como objetivo principal assinalar, em fragmento de um texto de Colombo, lugares em que as tramas da semiose, movidas talvez pelo acaso, maquinam sigilos que, na minha opinião, conferem aos signos que relatam ou prenunciam o encontro entre ameríndios e europeus um raro atrativo. Na condição de um destinatário que lida com certos códigos de recepção e fica à margem das celebrações predatadas, desejo tão somente roçar em enigmas da significação, aventurar-me, enfim, numa leitura que, desviando-se dos truísmos consagrados, toque, mesmo que seja de leve, nalgum dos segredos da ambigüidade. Não busco ser original nem pretendo menosprezar nenhuma das interpretações que outros fizeram e que aqui venham a ser citadas. Se nalgum momento prevalece essa impressão é porque, às vezes, o entusiasmo me domina e, quando tal ocorre, caio na atitude imprudente de não saber disfarçar minhas preferências. Meu intuito, nesta ocasião, é simplesmente lidar com o pressuposto de que, ao alterar significantes ou conteúdos de um texto com valor de documento, a violência se faz presente e atua de maneira solapada sobre informações que pretendem legitimar os fatos históricos ou, quando menos, o relato que nos é feito desses fatos.

Neste fragmento do Diário de Colombo –

"Enfrentaram muito mar e mais do que em toda a viagem haviam enfrentado. Viram pintarroxos e um junco verde junto à nau. Os tripulantes da caravela Pinta viram um talo de cana-de-açúcar e um pedaço de pau, e apanharam outro pauzinho lavrado semelhante a uma barra de ferro, e um talo de cana e outra erva que brota em terra e uma tabuinha. Os da caravela Niña também viram outros indícios de terra e um pauzinho coberto de caramujos." (1998:50) –,

² O presente trabalho faz parte de pesquisa que, com bolsa do CNPq, venho desenvolvendo sobre imagens, visuais e semânticas, do passado e da contemporaneidade da América Latina. Nesta conferência, sirvo-me apenas de trechos de um ensaio que, com o título de Num lugar semântico do outro lado dos 500 anos será publicado no segundo semestre em coletânea organizada pela professor Diana Luz Correia de Barros.

se constata, levando em conta as propriedades dos objetos representados, que os tripulantes das embarcações centravam sua atenção num conjunto de índices denotadores da presença da costa. A reiteração de diminutivos entremostra a emoção com que aqueles grupos de homens, quase todos analfabetos, liam³, alentados por uma decodificação esperançosa, todas aquelas coisas que flutuavam sobre a superfície oceânica. Nada de extraordinário, apenas referentes calcados em sinais cujo significado, na ocasião, era, fascinantemente, unívoco. Isso, porém, não quer dizer que todas aquelas coisas, enquanto entidades que dão vida à imaginação material (Bachelard: 1989:1-20), impeçam, uma vez transformadas em signos, a manifestação de outras possibilidades de sentido. Ao contrário, a ilusão de univocidade é necessária e constitui apenas um patamar dos múltiplos lanços da arquitetura da significação.

Assim, se, de um lado, as palavras utilizadas nesse trecho conduzem o destinatário de nossos dias na direção dos aspectos emotivos da linguagem, de outro, a encenação semiótica que elas montam encobre uma outra encenação mais surpreendente: refiro-me à que se arma a partir do instante em que percebemos que todos os objetos enumerados guardam entre si uma relação de analogia. Suas formas e materialidades possuem características comuns, dado que, além de preparar um solo semântico propício à frutificação de configurações metafóricas, desperta, também, a curiosidade de querer saber se esses objetos foram postos juntos pelo acaso ou se eles foram se aproximando uns dos outros forçados pelo ímã de traços semânticos isotópicos ou pelas identidades materiais propriamente ditas.

³ É preciso ressaltar o detalhe, aparentemente óbvio, de que os tripulantes não liam palavras e sim as coisas que denominavam com palavras. Pode-se dizer, por conseguinte, que a leitura dos tripulantes não se atrelava, naquele instante, à escuta: seu vínculo mais sólido era o da visão e, conseqüentemente, a emoção dos homens que viam coisas flutuando sobre as águas oceânicas se derrama, porque a visão "llega al ser humano desde una dirección a la vez : para mirar una habitación o un paisaje, debo mover los ojos alrededor de una parte a otra. Cuando oigo, sin embargo, recojo el sonido simultáneamente desde todas las direcciones: estoy en el centro del mundo auditivo, que me envuelve, estableciéndome en una especie de núcleo de la sensación y de la existencia." (Ong, 1997:94). Para homens que durante muitos dias escutaram mais do viram, o fato de poder fixar a vista em coisas legíveis impregnava a emoção de algo mágico.

Admitindo-se, com Jones, que a realidade é uma representação coletiva, não há como duvidar de que aqueles navegantes, atormentados pelo inferno atlântico⁴, tinham plena consciência do que, em termos de sobrevivência, significavam aquelas coisas que se balançavam sobre o palco das ondas. Mas, por outro lado, é também de se convir em que esses mesmos navegantes certamente não tinham consciência da significação que se manifesta na encenação desse “pauzinho coberto de caramujos”. Aí, com a compulsão das imagens oníricas, a metáfora irrompe e projeta sobre a materialidade das águas a figura caricata⁵ de uma caravela em miniatura: seus caramujos-navegantes abrem a possibilidade de estabelecer relações de equivalência com esses outros humanos analfabetos que viajavam nas naus, carregando ilusões ancestrais tal qual os moluscos carregam suas próprias moradias.

Esse detalhe me faz pensar que, por trás das significações pinçadas nesses relatos pelo viés dos que se entregam ao ufanismo dos centenários, existem camadas de sentido ainda intactas, camadas que, ao se situar desse outro lado dos significados corriqueiros, não pertencem a nenhum momento histórico e, sobretudo, dificilmente são motivos que sejam lembrados nos atos

⁴ Uso deliberadamente esta expressão, título do importante livro de Laura de Mello e Souza, porque, para entender as causas do aprisionamento ideológico-calendário da encenação do encontro dos navegantes da Pinta, Niña e Santa María com novas terras, o leitor deve ter em mente que durante “muito tempo, o descobrimento da América foi visto apenas como um grande feito do homem europeu que se tornava irreversivelmente moderno. Aprisionando e controlando pela primeira vez o espaço do globo, esse homem passava a ser senhor dos mares e subjogador das culturas estranhas, impondo por toda a parte seu credo, seus hábitos, sua visão de mundo. A descoberta da América apressaria inclusive a consolidação da moderna ciência, assentada no que hoje chamamos de paradigma galilaico; garantiria a vitória do cálculo matemático e de uma percepção ordenada do universo, onde fenômenos até então incompreensíveis ou explicados em chave maravilhosa passavam a ter explicação racional e razoável.” (1993:21).

⁵ Utilizo o termo caricato no sentido que lhe atribui Gombrich, isto é, no sentido de que tal invenção expressiva pressupõe lidar com a diferença entre semelhança e equivalência. (1995:364-371). E, ainda, porque a caricatura tem vínculos sólidos com uma tradição iconográfica que se desenvolve, segundo Baltrušaitis, nas culturas da costa: “Para los pueblos ribereños, el mar es el origen de todos los seres, incluso de los animales terrestres: así, en el cortejo de Poseidón aparece el caballo²³. El pensamiento de Anaximandro y Tales está dominado por estas creencias en la magia del agua²⁴. Precisamente con ellas se relacionan sin duda los milagros de la caracola. Es posible que el múrice contribuyera en un principio a la propagación de toda esta fauna. ¿No es acaso la púrpura la sangre – es decir, la vida –, el cuerpo de un animal? Pero también otras conchas generan cuadrúpedos y pájaros. En la mayoría de los casos, sin embargo, aparecen en forma

burocráticos das comemorações e na escrita dos que rememoram esse episódio em nome da sua transcendência histórica, da relevância sócio-cultural ou do seu épico heroísmo. O que exerce sobre mim forte fascínio é pensar, por exemplo, naquilo que subjaz às coincidências. Pensar em acontecimentos que, mesmo sendo ignorados pelos navegantes no instante de pressentirem a presença de terra firme, repetem, de algum modo, os conteúdos das palavras rabiscadas sobre a pele do papel para preservar a memória de um descobrimento. Pensar que, no momento em que isso faziam os europeus, havia homens, como anos mais tarde escreveria Alvar Núñez Cabeza de Vaca, que carregavam nas costas suas próprias casas⁶, mimando, assim, as conformações do caracol. Ou, então, pensar que, na língua portuguesa, um molusco da classe dos celenterados recebe, por motivos que não devem ser arbitrários, o nome de caravela.

Em virtude disso, para chegar até o veio dessas camadas de sentido é necessário entregar-se à tarefa de procurar, nos escritos contemporâneos aos primeiros encontros entre ameríndios e europeus, o detalhe, a migalha fantasmagórica de realidade geradora de substâncias semânticas que, recortadas pelos signos, cristalizam conteúdos ou se constituem em substrato de sedutoras metáforas representacionais⁷ e deixar que a imaginação de quem se envolve nessa pequena façanha corra o risco⁸ de encenar explicitações de coisas que

redonda en la que estas figuras presentan a veces un carácter cómico, como simples caracoles.” (1987:60).

⁶ “Suas casas são de esteiras, colocadas sobre quatro arcos. Carregam-nas às costas, pois se mudam a cada dois ou três dias à procura do que comer.” (Cabeza de Vaca, 1999:82).

⁷ Toda metáfora é representacional, o que não impede que tenhamos diversos modos de representar e, conseqüentemente, distintos tipos de metáforas. Os autores da *Rhétorique Générale* (Groupe m, 1970:106-109) falam de duas grandes modalidades metafóricas: a conceitual e a referencial. Creio que, no caso da metáfora do texto de Colombo aqui comentada, as duas modalidades se integram, o que confere ao tropo uma densidade de significação mais complexa.

⁸ A esse respeito, parece-me elucidativa esta passagem de Bachelard, pois a façanha a que me reporto é, no fundo, um périplo à volta de significados insólitos: “Nenhuma utilidade pode legitimar o risco imenso de partir sobre as ondas. Para enfrentar a navegação, é preciso que haja interesses poderosos. Ora, os verdadeiros interesses poderosos são interesses quiméricos. São interesses que sonhamos, e não os que calculamos. São os interesses fabulosos. O herói do mar é o herói da morte. O primeiro marujo foi o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como o morto” (1989:76). Na obra de Diegues já citada – 1998:47 –, também o autor se utiliza parte deste trecho do livro de Bachelard, mas em contexto diferente. Aqui o utilizo, como se adverte no começo desta nota, para estabelecer uma analogia entre a façanha de adentrar-se no misterioso universo das implicações

teimam em se implicitar. Trata-se, em certa medida, de abismar-se nos reversos dos espelhos da escrita e buscar o objeto censurado ou ignorado pelas imposições dos artifícios das aparências, de se prender ao que subsista do espectro do outro no aceno dos gestos e das palavras e, enquanto arremedos de sujeitos dispostos a se adentrar nessa aventura, percorrer os labirintos da memória abraçados à expectativa de atinar com vestígios primordiais.

É estranho que essas migalhas fantasmagóricas de realidade plasmadas numa metáfora com mais de 500 anos me intrigassem de tal modo que, se não fosse assim, nunca teria realizado este trabalho. Mas creio que me dei conta da cilada quando percebi, depois de vários incidentes de leitura, o dialogismo que está por baixo da enganosa simplicidade desse fragmento do Diário⁹ de Colombo. Para traçar um breve percurso dos incidentes, começarei pela transcrição do trecho original já citado em sua versão ao português:

“Navegó al Ouesudueste. Tuvieron mucha mar, más que en todo el viaje habían tenido. Vieron pardelas y un junco verde junto a la nao. Vieron los de la carabela “Pinta” una caña y un palo, y tomaron otro palillo labrado a lo que parecía con hierro, y un pedazo de caña y otra yerba que nace en tierra, y una tablilla. Los de la carabela “Niña” también vieron otras señales de tierra y un palillo cargado d’escaramojos.” (1965:33)¹⁰.

Se cotejamos esse fragmento com o da tradução brasileira de que me sirvo¹¹, pode-se comprovar, facilmente, a existência de várias impropriedades e imprecisões. Só para enumerar algumas, observe-se que no texto de Colombo

e a façanha dos navegantes ao se adentrar na aventura de navegar sobre todas as águas dos mares de nosso planeta.

⁹ Convém lembrar que o que se preserva desse Diário é a versão que dele nos deixou Bartolomé de las Casas. Quando o famoso frade copia, o texto aparece em primeira pessoa, mas quando reconstrui o texto original perdido, o relato aparece, como no trecho acima transcrito, em terceira pessoa.

¹⁰ “Escaramojos” era a grafia usada na época de Colombo para o vocábulo “escaramujos”.

¹¹ Por certo, na edição da L&PM, coleção L&PM Pocket, não há nenhuma referência à edição original utilizada pelo tradutor. Talvez exista alguma informação na edição que essa mesma editora fez em 1991, mas não disponho dela.

não se diz, por exemplo, que “apanharam outro pauzinho lavrado semelhante a uma barra de ferro.” A escrita do navegante, copiada, como se sabe, por Bartolomé de las Casas, se reporta à suspeita de que esse pauzinho tenha gravações feitas com ferro, o que é, sem dúvida, algo muito diferente, sobretudo porque não se está informando nada acerca da analogia entre um pedaço de madeira e uma barra de ferro. O que o texto insinua, isso sim, é a possibilidade de achar seres humanos que usam o ferro como instrumento de trabalho. E, no tocante ao “pauzinho coberto de caramujos”, também a tradução se afasta, de maneira sutil, do original ao ter traduzido “cargar” por “cobrir”. Essa mudança poderá parecer insignificante, mas, levando em conta o sentido de “carregar a casa” que a imagem dos caramujos acoberta, a tradução elimina um recurso expressivo presente na metáfora que o texto original entremostra: o da reiteração ou repetição de traços semânticos isotópicos.

Deixando de lado, porém, essas imprecisões, chamo a atenção, por me parecer mais instigante, para o fato de que, na Introdução preparada por Marcos Faerman para a edição brasileira referida neste trabalho – as notas são de Eduardo Bueno –, o autor cita também parte desse trecho quando afirma:

"O 10 de outubro tinha os homens confortados pelo almirante, lhes dando a esperança do lucro – vale lembrar que no texto de Colombo o almirante não usa o termo lucro –, diante da viagem enorme. Mas a 11 de outubro 'os da caravela Niña viram também sinais de terra e um ramo de espinheiro carregado de frutos. Eles respiraram e se rejubilaram'. O sol se pôs e ..."
(1998:15).

O leitor percebe, num primeiro momento, que o autor dessa Introdução não está, em verdade, comentando a versão brasileira publicada no livro para o qual fez seu prefácio. No trecho que ele cita, o “pauzinho coberto/carregado de caramujos” desaparece para dar lugar a “um ramo de espinheiro carregado de frutos.” Claro que, mesmo nessa tradução, a metáfora persiste, embora os

significados em que se engendra sejam outros. Aí o ramo de espinheiro corresponde à embarcação e os frutos aos navegantes. Há de se admitir, no entanto, que em função do contexto a que se refere o Diário, esta configuração metafórica é menos representativa. Mas, no fundo, a questão não é precisamente essa. A questão é saber a origem desta variável que aparece na citação de Faerman, variável que, aliás, aparece também na versão italiana de Paolo Emelio Taviani em seu livro monumental intitulado *I viaggi di Colombo*. Nesta obra lemos:

“Il giovedì 11 ottobre, gli uomini della Pinta scorsero una canna, un bastone, un altro legno lavorato, poi ancora un pezzo di canna, una tavoletta e dell’erba: questa volta sicuramente erba di prato, “yerba que nace en tierra”. Videro dall’ammiraglia delle procellari e un giunco ch’era verde “come si allora lo avessero tagliato dalle sue radici”. Quelli della Niña videro un tronco di spino carico di frutti rossi “il quale pareva essere stato tagliato di fresco”. (1984vl:27)

Já não é um “palillo”, nem um “ramo”. É um “tronco”. E ainda assim, a metáfora continua. Não tem, creio, a mesma intensidade que se presente no diminutivo da versão original. Nele, o leitor atento poderá aceder às conotações mitopoéticas da metáfora esse sentido de fragilidade que se desprende da imagem de uma caravela na imensidão do oceano.

Por outro lado, o texto¹² em que Gregorio Marañón resume suas impressões de leitura do Diário de Colombo dá relevo, logo no início, ao valor poético que a pena do almirante imprime às palavras:

“Los poetas, amigos míos, no son siempre los que hacen versos. Hay muchos versos – es sabido – y, a veces, versos magníficos, que no son de poetas. Y acaso los poetas más profundos, han hecho su poesía con la materia estremecida de su propia existencia y de sus sueños, sin escribir un

¹² Esse texto tem o sugestivo título de *Ruiseñores en el Mar*.

solo renglón. Y si queréis convencerlos leed el Diario del Primer Viaje de las naos de Colón, el genovés españolizado. En él, como en los vaticinios de los profetas, la retórica no es nada. Está escrito en una lengua balbuciente, de niño genial. Pero el mejor poema no iguala a este Diario, en fervor lírico, en épica grandeza, en ese volar sobre las cosas con alas traslúcidas y calladas, que es la Poesía.” (1965:7).

E, mais adiante, também o famoso médico cai nas ciladas da encenação dos caramujos ao dizer:

“Los pájaros, a él también, le hicieron presentir la tierra esperada. La seguridad se la dio un palito que flotaba lleno de escaramujos. El humilde insecto fue la paloma de las arcas veleras de Colón.” (1965:12).

Aí está outra vez a palavra, somente que, na imaginação de Marañón, o que, segundo os códigos de emissão da mensagem de Colombo provavelmente era um molusco, passa a ser um inseto¹³, um animal que rasteja e voa, sendo esse o motivo em que se forja, por associação, a imagem poética da pomba, guindada a símbolo espiritual das embarcações que se aproximavam da terra firme.

Essa pequena amostragem de comentários sobre o fragmento do Diário de Colombo me conduz à convicção de que nos porões semânticos da metáfora do “pauzinho coberto de caramujos” a ambigüidade deambula livre. Ou seja, nas penumbras do texto, os sentidos oscilam entre dois eixos semânticos. Isso se deve, em princípio, a que o vocábulo “escaramujos” tem, no sistema da língua espanhola, conteúdos diversos: pode significar, simultaneamente, “espinheiro” e “caramujo”. Essa deambulação e conseqüente simbiose dos sentidos distintos não é, porém, um fenômeno isolado, pois, nesse mesmo fragmento, a frase “vieron pardelas y un junco verde junto a la nao” também atualiza um termo – “junco” –

¹³ Essa espécie de ato falho talvez encontra explicação no fato de Gregorio Marañón ter feito, inconscientemente, uma associação entre “escaramujo” e “escarabajo” (“escaravelho”).

que, na época das grandes navegações de portugueses e espanhóis, significava duas coisas diferentes: planta herbácea da família das ciperáceas e navio de guerra chinês. No caso, justifica-se a ambivalência porque no termo junco confluem significados provenientes de duas etimologias: “juncu”, do latim, e “jonk”, do chinês. Tal não ocorre com “escaramojo”, o que levanta a suspeita de que os significados que convivem juntos em esse vocábulo não teriam nenhuma ligação causal e, sendo assim, é claro que essa explicação baseada apenas no sistema da língua não me parece suficiente.

Creio que, no caso da metáfora dos caramujos, a origem desse outro lado semântico que se oculta entre os sentidos mais óbvios tem raízes na dose de primitivismo que se infiltra nos processos de implicitação¹⁴ inerentes a qualquer enunciado lingüístico. Mas me interessa, nesta ocasião, trabalhar com a hipótese de que tal primitivismo tem suas fontes no imaginário e não nasce, especialmente no caso da figura poética, de analogias superficiais. Seus veios são de outra índole e, por não se estagnarem no monologismo das semelhanças, deles provém o murmurinho que nos faz pressentir as vozes de um dialogismo primordial¹⁵, de um dialogismo a que o homem, seja qual for sua procedência geográfica e cultural, parece estar predestinado. Desse ponto de vista, os vislumbres que bruxuleiam no espaço semântico da metáfora não reduzem o relato de Colombo a uma simples descrição de coisas e acontecimentos. Ao contrário, transcendem, tenha ou não consciência o sujeito que o escreve, as camadas informativas do discurso e penetram, com perspicácia, nos recintos de significações mais remotas.

¹⁴ Embora não me detenha nesta questão, tenho em mente as idéias sobre a implicitação desenvolvidas por Catherine Kerbrat-Orecchioni (1998: 5-91). A autora parte do princípio de considerar “comme présupposées toutes les informations qui, sans être ouvertement posées (i.e. sans constituer en principe le véritable objet du message à transmettre), sont cependant automatiquement entraînées par la formulation de l'énoncé, dans lequel elles se trouvent intrinsèquement inscrites, quelle que soit la spécificité du cadre énonciatif.” (1998:25).

¹⁵ Não é a mestiçagem do dialogismo o que, no fundo, se procura em boa parte dos ensaios reunidos no livro *Destins Croisés. Cinq siècles de rencontres avec les Amérindiens* (1992) e, à sua maneira, busca Gruzinski em livros como *La colonización de lo imaginario* (1991) e *La pensée métisse* (1999)?

Vencem, por conseguinte, as linhas horizontais sobre as que se ordenam os termos do almirante e, à maneira de trepadeiras, enlaçam essa imaginária linha vertical que nasce na raiz dos significados para se alojar, sem perder o húmus de sua substância semântica, no topo da materialidade expressiva dos signos em sua dupla função: preservar reminiscências de feitos longínquos e ouriçar feições reveladoras dos efeitos do inconsciente.

Michel Arrivé, em *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient* (1994:189-208), explora certos pontos da teoria de Carl Abel, egiptólogo que, durante a segunda metade do século XIX, escreveu importante ensaio sobre o sentido oposto das palavras primitivas. O que interessa ao lingüista francês é chamar a atenção para o fato de que as reflexões de Freud acerca das relações entre linguagem e inconsciente tiveram forte influência do pensamento de Abel. Preocupado com a origem da linguagem, o egiptólogo constatou que as palavras das línguas primitivas utilizavam, freqüentemente, o mesmo significante para expressar significados opostos, constatação em que se inspirou o criador da psicanálise para trabalhar com a hipótese da existência de uma língua fundamental em que a linguagem e o inconsciente ter-se-iam engendrado. Além disso, Freud, apoiando-se também no pensamento de Hans Sperber, quem defendia o princípio de que os sons iniciais da linguagem serviam tanto para a comunicação quanto para chamar o companheiro sexual, admite que a ambigüidade de uma única forma significante em que se manifestam significados opostos poderia ser um importante indício para estudar as relações existentes entre linguagem e inconsciente.¹⁶

Dessa perspectiva, o dialogismo da metáfora coloca o leitor na pista do primitivismo que se entremostra nessas migalhas de realidade preservada através do jogo de explicitações e implícitas da escrita e, em particular, da escrita de Colombo, mesmo quando copiado por Bartolomé de las Casas. Os símbolos que

¹⁶ Para uma compreensão mais precisa desses conceitos é recomendável a leitura da 10ª conferência das Conferencias de Introducció al Psicoanálisis (Parte I y II) (1993:136-154).

navegam, por assim dizer, no Diário não relatam tão somente particularidades de um encontro considerado histórico, mas remetem, também, para o outro lado desse tempo, sobretudo, para regiões que não podem fazer parte das cartografias dos nacionalismos. Remetem, isso sim, para esse lugar semântico que fica, sem dúvida, do outro lado de milhares de séculos, para esse instante em que os sentidos opostos conviviam na mesma porção de saliva de que os significantes primordiais eram feitos. Usando outros termos, remetem para um imaginário que, como intui Gaston Bachelard, evoca uma convizinhança corporal mais apertada das coisas e dos seres – a dos caramujos aderidos à matéria da madeira? –, uma convizinhança em que a presença do

“caráter cósmico das lembranças orgânicas não deve, aliás, surpreender-nos desde que compreendamos que a imaginação material é uma imaginação primordial. Ela imagina a criação e a vida das coisas com as luzes vitais, com as certezas da sensação imediata, isto é, escutando as grandes lições cenestésicas dos nossos órgãos.” (1989:126).

Ao eliminar essa dimensão semântica se comete, sem dúvida, um ato de violência cujas conseqüências desfiguram as referências e envenenam, amiúde, a realidade aderida às coisas e aos fatos que são, ao final de contas, as autênticas fontes da História.

Bibliografia:

ARRIVÉ, Michel. 1994. Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient. Paris, PUF.

BACHELARD, Gaston. 1989. A água e os sonhos. São Paulo, Martins Fontes.

BALTRUŠAITIS, Jurgis. 1987. La Edad Media Fantástica. Madrid, Editorial Cátedra.

BALTRUŠAITIS, Jurgis. 1988. El espejo. Revelaciones, ciencia-ficción y falacias. Madrid, Miraguano/Polifemo.

BITTERLI, Urs. 1982. Los “salvajes” y los “civilizados”. El Encuentro de Europa y Ultramar. México, FCE.

BUENO, Eduardo. 1998. A Viagem do Descobrimento. Rio, Editora Objetiva Ltda.

CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. 1999. Naufrágios & Comentários. Porto Alegre, L&PM.

CENCILLO, Luis. 1993. Sexo, comunicación y símbolo. Barcelona, Anthropos.

CLARK, Katerina e **HOLQUIST**, Michael. 1998. Mikhail Kakhtin. São Paulo, Perspectiva.

COLOMBO, Cristóvão. 1998. Diários da descoberta da América. Porto Alegre, L&PM editores.

COLÓN, Cristóbal. 1965. Diario del Primer Viaje de Colón. Barcelona, Ediciones Nauta.

DIEGUES, Antonio Carlos. 1998. Ilhas e Mares – simbolismo e imaginário –. São Paulo, Editora Hucitec.

ECO, Umberto. 1989. Sobre os espelhos e outros ensaios. Rio, Nova Fronteira, 3ª ed.

FAERMAN, Marcos. 1998. Introdução, in Diários da Descoberta da América. Porto Alegre, L&PM.

FREUD, Sigmund. 1993. Conferencias de introducción al psicoanálisis (Parte I y II). Buenos Aires, Amorrortu editores.

GIUCCI, Guillermo. 1992. Viajantes do Maravilhoso. São Paulo, Companhia das Letras.

GOMBRICH, E.H. 1995. Arte e Ilusão. São Paulo, Martins Fontes, 3ªed.

GROUPE m. 1970. Rhétorique Générale, Paris, Larousse.

GROUZINSKI, Serge. 1991. La colonización de lo imaginario. México, FCE.

GRUZINSKI, Serge. 1999. 1480-1520. Passagem do século. São Paulo, Editora Schwarcz Ltda.

GRUZINSKI, Serge. 1999a. La pensée métisse. Paris, Fayard.

HOLANDA FERREIRA, Sérgio Buarque de. 1986. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ª ed.

HUXLEY, Francis. 1980. Aimables Sauvages. Paris, Librairie Plo.

JONES, Roger. S. 1982. Physics as Metaphor. Minneapolis, University of Minneapolis Press.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. 1998. L'implicite. Paris, Armand Colin, deuxième édition.

MARAÑÓN, Gregorio. 1965. Prólogo, in Diario del Primer Viaje de Colón. Barcelona, Ediciones Nauta.

MELLO e SOUZA, Laura de. 1993. Inferno Atlântico. São Paulo, Companhia das Letras.

ONG, Water. 1997. Lo oral, lo escrito y los medios de comunicación modernos, in La comunicación en la historia. Barcelona, Bosch Casa Editorial.

ORLANDI, Eni Puccinelli. 1997. As formas do silêncio. Campinas, UNICAMP.

PERNIOLA, Mario. 1991. Entre vestido y desnudo, in Fragmentos para una Historia del cuerpo humano, parte segunda. Madrid, Taurus.

ROSTKOWSKI, Joëlle e **DEVERS**, Silvie. 1992. Destins Croisés. Cinq siècles de rencontres avec les Amérindiens. Paris, Albin Michel/UNESCO.

STADEN, Hans. 1988. Duas Viagens ao Brasil. São Paulo, Editora Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo.

TAVIANI, Paolo Emilio. 1984. I viaggi di Colombo (dois volumes). Istituto Geografico de Agostini Novara.

VALENTE, José Augusto Vaz. 1975. A certidão de nascimento do Brasil. A carta de Pero Vaz de Caminha. São Paulo, Edição do Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

VESPUCCI, Amerigo. 1996. Cartas de viaje. Madrid, Alianza.

Eduardo Peñuela Cañizal

Professor Titular do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Tem pós-doutoramento na Stanford University e, no momento, é Presidente da Comissão de Pós-Graduação da ECA. Já publicou cinco livros e mais de cinquenta ensaios e artigos em periódicos do Brasil, Estados Unidos, França, Espanha, Itália, Peru, Portugal, Alemanha e Canadá.

Texto apresentado no Seminário Internacional “Imagem e Violência”, promovido pelo Cisc – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, no Sesc Vila Mariana, em São Paulo, durante os dias 29, 30, 31 de março e 1º de abril de 2000.